

Profetas do perdão e da gratuidade

Nestes tempos, em que as notícias, dia após dia, nos comunicam experiências de conflito, guerra e ódio, quão grande é o risco de nós, como crentes, acabarmos envolvidos numa leitura dos acontecimentos que se reduz apenas ao nível político ou nos limitamos a tomar partido por um lado ou outro com argumentos que têm a ver com a nossa maneira de ver as coisas, com a nossa forma de interpretar a realidade.

No discurso de Jesus que segue as bem-aventuranças, há uma série de “pequenas/grandes lições” que o Senhor oferece. Sempre começam com o versículo “você ouviram que foi dito”. Em uma delas, o Senhor recorda o antigo ditado “olho por olho e dente por dente” (Mt 5,38).

Fora da lógica do Evangelho, essa lei não só não é contestada, como pode ser tomada como uma regra que expressa a forma de acertar as contas com aqueles que nos ofenderam. Obter vingança é percebido como um direito, chegando até a ser um dever.

Jesus se apresenta diante dessa lógica com uma proposta completamente diferente, totalmente oposta. Ao que ouvimos, Jesus nos diz: “Mas eu lhes digo” (Mt 5,39). E aqui, como cristãos, devemos ter muito cuidado. As palavras de Jesus que seguem são importantes não apenas por si mesmas, mas porque expressam de forma muito sintética toda a sua mensagem. Jesus não veio para nos dizer que há outra maneira de interpretar a realidade. Jesus não se aproxima de nós para ampliar o espectro das opiniões sobre as realidades terrenas, especialmente aquelas que tocam a nossa vida. Jesus não é uma opinião a mais, mas ele próprio encarna a proposta alternativa à lei da vingança.

A frase “mas eu lhes digo” é de fundamental importância porque agora não é mais a palavra pronunciada, mas a própria pessoa

de Jesus. O que Jesus nos comunica, ele vive. Quando Jesus diz “não resistam ao perverso; pelo contrário, se alguém lhe der um tapa na face direita, ofereça também a outra” (Mt 5,39), essas mesmas palavras ele viveu em primeira pessoa. Certamente não podemos dizer que Jesus prega bem, mas faz mal com sua mensagem.

Voltando aos nossos tempos, essas palavras de Jesus correm o risco de ser percebidas como as palavras de uma pessoa fraca, reações de quem não é mais capaz de reagir, mas apenas de sofrer. E, de fato, quando olhamos para Jesus que se entrega completamente no madeiro da Cruz, essa é a impressão que podemos ter. No entanto, sabemos muito bem que o sacrifício na cruz é fruto de uma vivência que parte da frase “mas eu lhes digo”. Porque tudo o que Jesus nos disse, ele acabou por assumir plenamente. E, assumindo plenamente, conseguiu passar da cruz à vitória. A lógica de Jesus aparentemente comunica uma personalidade derrotada. Mas sabemos muito bem que a mensagem que Jesus nos deixou, e que ele viveu plenamente, é o remédio de que este mundo hoje realmente precisa.

Ser profetas do perdão significa assumir o bem como resposta ao mal. Significa ter a determinação de que o poder do maligno não condicionará a minha forma de ver e interpretar a realidade. O perdão não é a resposta do fraco. O perdão é o sinal mais eloquente daquela liberdade capaz de reconhecer as feridas que o mal deixa para trás, mas que essas mesmas feridas jamais serão um barril de pólvora que fomenta a vingança e o ódio.

Reagir ao mal com o mal só faz ampliar e aprofundar as feridas da humanidade. A paz e a concórdia não crescem no terreno do ódio e da vingança.

Ser profetas da gratuidade exige de nós a capacidade de olhar para o pobre e para o necessitado não com a lógica do lucro, mas com a lógica da caridade. O pobre não escolhe ser pobre, mas quem está bem tem a possibilidade de escolher ser generoso, bom e cheio de compaixão. Quão diferente seria o

mundo se nossos líderes políticos, neste cenário onde crescem os conflitos e as guerras, tivessem a sensatez de olhar para aqueles que pagam o preço dessas divisões, que são os pobres, os marginalizados, aqueles que não podem fugir porque não conseguem.

Se partirmos de uma leitura puramente horizontal, há motivo para desespero. Não nos resta outra coisa senão ficar presos às nossas murmurações e críticas. E, no entanto, não! Nós somos educadores dos jovens. Sabemos bem que esses jovens, neste nosso mundo, estão buscando pontos de referência de uma humanidade saudável, de líderes políticos capazes de interpretar a realidade com critérios de justiça e paz. Mas quando nossos jovens olham ao redor, sabemos bem que percebem apenas o vazio de uma visão pobre da vida.

Nós, que estamos comprometidos com a educação dos jovens, temos uma grande responsabilidade. Não basta comentar a escuridão que deixa uma quase completa ausência de liderança. Não basta comentar que não há propostas capazes de inflamar a memória dos jovens. Cabe a cada um e a cada uma de nós acender essa vela de esperança nesta escuridão, oferecer exemplos de humanidade bem-sucedida no cotidiano.

Realmente vale a pena hoje ser profetas do perdão e da gratuidade.

Dom Bosco com seus salesianos

Se com seus meninos Dom Bosco brincava alegremente para vê-los alegres e serenos, com seus salesianos revelava também em tom de brincadeira a estima que tinha por eles, o desejo de vê-los formar com ele uma grande família, pobre sim, mas confiante na Divina Providência, unida na fé e na caridade.

Os feudos de Dom Bosco

Em 1830, Margarida Occhiena, viúva de Francisco Bosco, fez a divisão dos bens herdados de seu marido entre seu enteado Antônio e seus dois filhos José e João. Consistia, entre outras coisas, de oito lotes de terra com prado, campo e vinhedo. Não sabemos nada exato sobre os critérios seguidos por Mãe Margarida ao dividir a herança paterna entre os três. Entretanto, entre os lotes de terra havia um vinhedo próximo aos Becchi (em Bric dei Pin), um campo em Valcapone (ou Valcappone) e outro em Bacajan (ou Bacaiau). De qualquer forma, essas três terras constituem os “feudos” que Dom Bosco, às vezes, chamava por brincadeira de sua propriedade.

Os Becchi, como todos sabemos, são o humilde povoado do vilarejo onde Dom Bosco nasceu; Valcaponé (ou Valcapone) era um local a leste do Colle, sob a Serra di Capriglio, mas no fundo do vale, na área conhecida como Sbaruau (= espantalho), porque era densamente arborizada, com algumas cabanas escondidas entre os galhos, que serviam como local de armazenamento para lavanderias e como refúgio para bandidos. Bacajan (ou Bacaiau) era um campo a leste do Colle, entre os lotes de Valcapone e Morialdo. Estes são os “feudos” de Dom Bosco!

As Memórias Biográficas dizem que, por algum tempo, Dom Bosco conferiu títulos de nobreza a seus colaboradores leigos. Assim, havia o Conde dos Becchi, o Marquês de Valcappone, o Barão de Bacaiau, isto é, os três terrenos que Dom Bosco devia conhecer como parte de sua herança. “Com esses títulos costumava chamar Rossi, Gastini, Enria, Pelazza, Buzzetti, não só em casa, mas também fora, sobretudo quando viajava com alguns deles” (MB VIII, 198-199 – MB VIII, 231-232).

Entre esses “nobres” salesianos, sabemos com certeza que o conde dos Becchi (ou do Bricco del Pino) era José Rossi, o primeiro salesiano leigo, ou “Coadjutor”, que amava Dom Bosco como um filho muito afeiçoado e lhe foi fiel para sempre.

Um dia, Dom Bosco foi à estação de Porta Nova e José Rossi o acompanhou carregando sua mala. Eles chegaram quando o trem estava prestes a partir e os vagões estavam cheios de gente. Dom Bosco, não conseguindo encontrar um assento, voltou-se

para Rossi e, em voz alta, disse-lhe:

– Oh, senhor conde, lamento que esteja tendo tanto trabalho por mim!

– Imagine, Dom Bosco, é uma honra para mim!

Alguns viajantes que estavam na janela, ao ouvirem aquelas palavras “Senhor Conde” e “Dom Bosco”, olharam uns para os outros com espanto e um deles gritou do vagão:

– Dom Bosco! Senhor Conde! Subam aqui; ainda há dois lugares!

– Mas eu não queria incomodá-los – respondeu Dom Bosco.

– Subam! É uma honra para nós. Vou retirar minhas malas; estarão à vontade!

E assim o “Conde dos Becchi” pôde entrar no trem com Dom Bosco e a mala.

As bombas e uma cabana

Dom Bosco viveu e morreu pobre. Para comer, ele se contentava com muito pouco. Até mesmo um copo de vinho já era demais para ele, e ele sistematicamente misturava com água.

“Muitas vezes se esquecia de beber por estar absorto em outros pensamentos, e cabia aos vizinhos de mesa completar-lhe o copo. Então, se o vinho era do bom, logo procurava água “para fazê-lo melhor”, dizia. E acrescentava sorrindo: ‘Renunciei ao mundo e ao demônio, mas não às pompas’, aludindo às bombas que tiram água dos poços” (MB IV, 191-192 – MBp IV, 181).

Até mesmo para as acomodações, sabemos como ele vivia. Em 12 de setembro de 1873, foi realizada a Conferência Geral dos Salesianos para reeleger um ecônomo e três conselheiros. Naquela ocasião, Dom Bosco pronunciou palavras memoráveis e proféticas sobre o desenvolvimento da Congregação. Então, quando chegou a hora de falar sobre o Capítulo Superior, que a essa altura parecia precisar de uma residência adequada, ele disse, em meio à hilaridade universal: “Se fosse possível, eu gostaria de fazer no meio do pátio uma ‘söpanta’ (leia-se: supanta = barraca, abrigo), onde o Capítulo Superior pudesse ficar separado de todos os mortais. Como os membros deste Capítulo Superior têm o direito de continuar a viver nesta terra, ele poderá estar ora aqui, ora lá, nas diversas casas,

segundo parecer melhor!” (MB X, 1061-1062 – MBp X, 888-889).

Otis, botis, pija tutis

Um jovem lhe perguntava um dia como ele conhecia o futuro e adivinhava tantos segredos. Respondeu-lhe:

– “Escute-me. A maneira é esta, e se explica com: Ótis, bótis, pija tútis. Sabe o que significam estas palavras? Preste atenção. São palavras gregas. E soletrando, repetiu: Ó-tis, bó-tis, pi-ja tú-tis. Entende?

– É um negócio complicado de entender!

– Também sei disso. Eu mesmo nunca quis revelar a ninguém o que significa essa epígrafe. E ninguém sabe mesmo. Nem nunca saberá. É conveniente não o revelar. Este é o grande segredo com que opero todas as coisas fora do comum. Com ele eu leio as consciências, e por meio dele revelam-se os mistérios. Mas se você é esperto, veja se pode entender alguma coisa.

E repetia aquelas quatro palavras, acentuando-as sucessivamente ao pronunciar cada uma delas. Passava o indicador na testa, sobre a boca, sobre o queixo, sobre o peito do jovem e acabava por dar-lhe, de improviso, um tapinha no rosto. O jovem ria, mas insistia:

– Mas, ao menos, traduza-me as quatro palavras em língua vulgar.

– Posso traduzi-las, mas não entenderá a tradução.

E, brincando, falava em dialeto piemontês:

– Quand ch’at dan ed bòte, pije tute (Quando lhe dão bofetadas, tome-as todas) (MB VI, 424 – MB VI, 401-402). E queria dizer que, para se tornar santo, é preciso aceitar todos os sofrimentos que a vida nos reserva.

Protetor dos funileiros

Todos os anos, os jovens do Oratório de São Leão, em Marselha, faziam um passeio à casa do Sr. Olive, um generoso benfeitor dos Salesianos. Naquela ocasião, o pai e a mãe serviam os superiores à mesa, e seus filhos, os alunos.

Em 1884, o passeio aconteceu durante a estada de Dom Bosco em Marselha.

Enquanto os alunos estavam se divertindo nos jardins, o cozinheiro correu até a Madame Olive para lhe dizer:

– Madame, a panela de sopa para os meninos está vazando e não há como remediar a isso. Terão de ficar sem sopa!

A senhora, que tinha muita fé em Dom Bosco, teve uma ideia. Mandou chamar todos os jovens:

– “Escutem”, disse-lhes ela, “se quiserem comer a sopa, ajoelhem-se aqui e rezem uma oração a Dom Bosco para que a panela deixe de vazar”.

Eles obedeceram. A panela parou de vazar instantaneamente. Mas Dom Bosco, ao ouvir o fato, riu muito e disse:

– De agora em diante, chamarão Dom Bosco de patrono dos funileiros (MB XVII, 55-56).

0 cardeal Augusto Hlond

Era o segundo de 11 filhos; seu pai era um trabalhador ferroviário. Tendo recebido de seus pais uma fé simples, mas forte, aos 12 anos, atraído pela fama de Dom Bosco, seguiu seu irmão Inácio para a Itália para se consagrar ao Senhor na Sociedade Salesiana; e logo atraiu outros dois irmãos para lá: Antônio, que se tornaria salesiano e um músico renomado, e Clemente, que se tornaria missionário. O colégio de Valsalice o acolheu para seus estudos ginasiais. Em seguida, foi admitido no noviciado e recebeu a batina do Beato Miguel Rua (1896). Depois de fazer sua profissão religiosa em 1897, seus superiores o enviaram a Roma, à Universidade Gregoriana, para o curso de filosofia, que ele coroou com um diploma. De Roma, retornou à Polônia para fazer seu tirocínio prático no colégio de Oświęcim. Sua fidelidade ao sistema de educação de Dom Bosco, seu compromisso com a assistência e com a escola, sua dedicação aos jovens e a amabilidade de seus modos lhe renderam grande ascendência. Ele também se tornou rapidamente

conhecido por seu talento musical.

Concluídos os estudos de teologia, recebeu a ordenação sacerdotal em 23 de setembro de 1905; foi ordenado em Cracóvia pelo bispo Dom Nowak. De 1905 a 1909, frequentou a Faculdade de Artes das Universidades de Cracóvia e Leópolis. Em 1907, foi encarregado da nova casa em Przemyśl (1907-1909), de onde passou a dirigir a casa de Viena (1909-1919). Ali, sua coragem e habilidade pessoal tiveram um alcance ainda maior devido às dificuldades específicas que o instituto enfrentou na capital imperial. O P. Augusto Hlond, com sua virtude e tato, conseguiu, em pouco tempo, não apenas resolver a situação econômica, mas também fazer florescer um trabalho com jovens que atraiu a admiração de todas as classes de pessoas. O cuidado com os pobres, os trabalhadores e os filhos do povo lhe atraiu a afeição das classes mais humildes. Querido pelos bispos e núncios apostólicos, ele gozava da estima das autoridades e da própria família imperial. Em reconhecimento a esse trabalho social e educativo, por três vezes, recebeu algumas das mais prestigiosas honrarias.

Em 1919, o desenvolvimento da Inspetoria Austro-Húngara aconselhou uma divisão proporcional ao número de casas, e os superiores nomearam o P. Hlond como inspetor da Inspetoria Germano-Húngara, com sede em Viena (1919-1922), confiando-lhe o cuidado dos coirmãos austríacos, alemães e húngaros. Em menos de três anos, o jovem inspetor abriu uma dúzia de novas presenças salesianas e as formou no mais genuíno espírito salesiano, suscitando numerosas vocações.

Estava em pleno fervor de sua atividade salesiana quando, em 1922, tendo a Santa Sé que providenciar a organização religiosa para a Silésia polonesa, ainda sangrando por conflitos políticos e nacionais, o Santo Padre Pio XI confiou-lhe a delicada missão, nomeando-o Administrador Apostólico. Sua mediação entre alemães e poloneses deu origem, em 1925, à diocese de Katowice, da qual se tornou bispo. Em 1926, ficou Arcebispo de Gniezno e Poznań e Primaz da Polônia. No ano seguinte, o Papa o criou cardeal. Em 1932, fundou a Sociedade de Cristo para os emigrantes poloneses, com o objetivo de

ajudar os muitos compatriotas que haviam deixado o país. Em março de 1939, participou do conclave que elegeu Pio XII. Em 1º de setembro do mesmo ano, os nazistas invadiram a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial. O cardeal levantou sua voz contra as violações dos direitos humanos e da liberdade religiosa cometidas por Hitler. Forçado ao exílio, ele se refugiou na França, na Abadia de Hautecombe, denunciando a perseguição aos judeus na Polônia. A Gestapo entrou na abadia e o prendeu, deportando-o para Paris. O cardeal se recusa categoricamente a apoiar a formação de um governo polonês pró-nazista. Ele foi preso primeiro em Lorena e depois em Westfália. Libertado pelas tropas aliadas, ele retornou à sua terra natal em 1945.

Na nova Polônia libertada do nazismo, ele encontrou o comunismo. Ele defendeu corajosamente os poloneses contra a opressão marxista ateísta, escapando até mesmo de várias tentativas de assassinato. Morreu em 22 de outubro de 1948 de pneumonia, aos 67 anos de idade. Milhares de pessoas compareceram ao seu funeral.

O Cardeal Hlond era um homem virtuoso, um exemplo brilhante de religioso salesiano e um pastor generoso e austero, capaz de visões proféticas. Obediente à Igreja e firme no exercício da autoridade, demonstrou humildade heroica e constância inequívoca nos momentos de maior provação. Cultivou a pobreza e praticou a justiça para com os pobres e necessitados. Os dois pilares de sua vida espiritual, na escola de São João Bosco, eram a Eucaristia e Maria Auxiliadora.

Na história da Igreja da Polônia, o Cardeal Augusto Hlond foi uma das figuras mais eminentes pelo testemunho religioso de sua vida, pela grandeza, variedade e originalidade de seu ministério pastoral, pelos sofrimentos que enfrentou com um intrépido espírito cristão pelo Reino de Deus. O ardor apostólico distinguiu o trabalho pastoral e a fisionomia espiritual do Venerável Augusto Hlond, que tomou como lema episcopal *Da mihi animas coetera tolle*, como verdadeiro filho de São João Bosco; confirmou-o com sua vida de consagrado e de bispo, dando testemunho de incansável caridade pastoral.

Devemos lembrar o seu grande amor a Nossa Senhora, aprendido em sua família e a grande devoção do povo polonês à Mãe de Deus, venerada no santuário de Czestochowa. Além disso, de Turim, onde iniciou sua jornada como salesiano, difundiu o culto a Maria Auxiliadora na Polônia e consagrou a Polônia ao Imaculado Coração de Maria. Sua entrega a Maria sempre o sustentou na adversidade e na hora de seu encontro final com o Senhor. Ele morreu com as contas do rosário nas mãos, dizendo aos presentes que a vitória, quando chegasse, seria a vitória de Maria Imaculada.

O Venerável Cardeal Augusto Hlond é uma testemunha singular de como devemos aceitar o caminho do Evangelho todos os dias, apesar do fato de que ele nos traz problemas, dificuldades e até mesmo perseguição: isso é santidade. «Jesus lembra as inúmeras pessoas que foram, e são, perseguidas simplesmente por ter lutado pela justiça, ter vivido os seus compromissos com Deus e com os outros. Se não queremos afundar numa obscura mediocridade, não pretendamos uma vida cômoda, porque, “quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la” (Mt 16,25). Não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós... A cruz, especialmente as fadigas e os sofrimentos que suportamos para viver o mandamento do amor e o caminho da justiça, é fonte de amadurecimento e santificação.» (Francisco, Gaudete et Exultate, nn. 90-92).

A educação da consciência com São Francisco de Sales

Provavelmente foi o advento da Reforma protestante que colocou na ordem do dia o problema da consciência e, mais precisamente, da «liberdade de consciência». Em uma carta de

1597 a Clemente VIII, o decano de Sales deplorava a «tirania» que o «estado de Genebra» impunha «sobre as consciências dos católicos». Pedia à Santa Sé que interviesse junto ao rei da França para obter que os genebrinos concedessem «o que chamam liberdade de consciência». Contrário a soluções militares para a crise protestante, ele vislumbrava na *libertas conscientiae* uma possível saída para o confronto violento, desde que a reciprocidade fosse respeitada. Reivindicada por Genebra em favor da Reforma, e por Francisco de Sales em benefício do catolicismo, a liberdade de consciência estava prestes a se tornar um dos pilares da mentalidade moderna.

Dignidade da pessoa humana

A dignidade do indivíduo reside na consciência, e a consciência é, antes de tudo, sinônimo de sinceridade, honestidade, franqueza, convicção. O decano de Sales reconhecia, por exemplo, «para aliviar sua consciência», que o projeto das Controvérsias lhe fora de certa forma imposto por outros. Quando apresentava suas razões a favor da doutrina e da prática católica, preocupava-se em precisar que o fazia «de consciência». «Digam-me de consciência», perguntava aos seus contraditores. A «boa consciência», de fato, faz com que alguém evite certos atos que o colocam em contradição consigo mesmo.

No entanto, a consciência subjetiva individual não pode ser sempre tomada como garantia da verdade objetiva. Não se está sempre obrigado a acreditar no que alguém diz de consciência. «Mostrem-me claramente – diz o decano aos senhores de Thonon – que não mentem de forma alguma, que realmente não me enganam, quando me dizem que de consciência tiveram esta ou aquela inspiração». A consciência pode ser vítima da ilusão, de forma voluntária ou mesmo involuntária. «Os avarentos inveterados não só não confessam sê-lo, como também não pensam de consciência que o sejam».

A formação da consciência é uma tarefa essencial, porque a liberdade de consciência implica o risco de «fazer o bem e o mal», mas «escolher o mal não é usar, mas abusar da nossa

liberdade». É uma tarefa difícil, porque a consciência às vezes nos aparece como um adversário que «combate sempre contra nós e por nós»: ela «opõe resistência constante às nossas más inclinações», mas o faz «para nossa salvação». Quando alguém peca, «o remorso interior se move contra sua consciência com a espada em punho», mas o faz para «transpassá-la com um santo temor».

Um meio para exercer uma liberdade responsável é a prática do «exame de consciência». Fazer o exame de consciência é como seguir o exemplo das pombas que se olham «com olhos límpidos e puros», «se limpam com cuidado e se adornam o melhor que podem». Filoteia é convidada a fazer esse exame todas as noites, antes de ir dormir, perguntando-se «como se comportou nas várias horas do dia; para facilitar, pensará onde, com quem e em quais ocupações se dedicou».

Uma vez por ano devemos fazer um exame aprofundado do «estado da nossa alma» diante de Deus, do próximo e de nós mesmos, sem esquecer um «exame dos afetos da nossa alma». O exame – diz Francisco de Sales às visitandinas – levará vocês a sondar «a fundo a sua consciência».

Como aliviar a consciência quando alguém a sente carregada de um erro ou de uma falha? Alguns o fazem de forma errada, julgando e acusando os outros «de vícios dos quais são vítimas», pensando assim em «adoçar os remorsos da sua consciência». Dessa forma, multiplica-se o risco de fazer julgamentos temerários. Pelo contrário, «aqueles que cuidam corretamente da sua consciência não estão sujeitos a julgamentos temerários». Convém considerar à parte o caso dos pais, educadores e responsáveis pelo bem público, porque «uma boa parte da sua consciência consiste em vigiar atentamente a consciência dos outros».

O respeito por si mesmo

Da afirmação da dignidade e da responsabilidade de cada um deve nascer o respeito por si mesmo. Já Sócrates e toda a antiguidade pagã e cristã haviam mostrado o caminho:

É uma afirmação dos filósofos, que porém foi considerada válida pelos doutores cristãos: «Conhece-te a ti mesmo», ou seja, conhece a excelência da tua alma para não a rebaixar e desprezar.

Alguns de nossos atos constituem não apenas uma ofensa a Deus, mas também uma ofensa à dignidade da pessoa humana e à razão. Suas consequências são deploráveis:

A semelhança e imagem de Deus, que carregamos em nós, é manchada e desfigurada, a dignidade do nosso espírito desonrada, e somos tornados semelhantes aos animais irracionais [...], tornando-nos escravos das nossas paixões e invertendo a ordem da razão.

Há êxtases e arrebatamentos que nos elevam acima da nossa condição natural e outros que nos rebaixam: «Ó homens, até quando sereis tão insensatos – escreve o autor do Teótimo – a ponto de querer pisotear a vossa dignidade natural, descendo voluntariamente e precipitando-vos na condição dos animais?».

O respeito por si mesmo permitirá evitar dois perigos opostos: o orgulho e o desprezo pelos dons que se tem. Em um século em que o senso de honra era exaltado ao máximo, Francisco de Sales teve que intervir para denunciar delitos, em particular no problema do duelo, que lhe fazia «arrepiar os cabelos da cabeça», e ainda mais o orgulho insensato que era a causa. «Estou escandalizado» – escrevia à esposa de um marido duelista –; «na verdade, não consigo entender como se pode ter uma coragem tão desregrada mesmo por bagatelas e coisas sem importância». Lutando em duelo é como se «se tornassem um o carrasco do outro».

Outros, ao contrário, não ousam reconhecer os dons recebidos e pecam assim contra o dever da gratidão. Francisco de Sales denuncia «certa falsa e tola humildade que impede descobrir o bem que há neles». Estão errados, porque «os bens que Deus colocou em nós devem ser reconhecidos, estimados e honrados sinceramente».

O primeiro próximo que devo respeitar e amar, parece querer

dizer o bispo de Genebra, é o próprio eu. O verdadeiro amor por mim mesmo e o respeito devido exigem que eu tenda à perfeição e que me corrija, se necessário, mas docemente, razoavelmente e «seguindo o caminho da compaixão» em vez do da ira e da fúria.

Existe, de fato, um amor por si mesmo não apenas legítimo, mas também benéfico e mandado: «A caridade bem ordenada começa por si mesmo» – diz o provérbio – e reflete bem o pensamento de Francisco de Sales, mas desde que não se confunda o amor por si mesmo com o amor-próprio. O amor por si mesmo é bom, e Filoteia é convidada a interrogar-se sobre a maneira como ama a si mesma:

Mantém uma boa ordem no amor por si mesma? Porque só o amor desordenado por nós mesmos pode nos levar à ruína. Ora, o amor ordenado quer que amemos a alma mais do que o corpo, que busquemos adquirir as virtudes mais do que qualquer outra coisa.

Ao contrário, o amor-próprio é um amor egoísta, «narcisista», cheio de si mesmo, ciumento da própria beleza e unicamente preocupado com o próprio interesse: «Narciso – dizem os profanos – era um jovem tão arrogante que não queria oferecer seu amor a ninguém; e, finalmente, contemplando-se em uma fonte límpida, foi totalmente arrebatado por sua beleza».

O «respeito devido às pessoas»

Se se respeita a si mesmo, a gente estará mais preparado e disposto a respeitar os outros. O fato de ser «a imagem e semelhança de Deus» tem como corolário a afirmação segundo a qual «todos os seres humanos gozam da mesma dignidade». Francisco de Sales, embora vivendo em uma sociedade marcada pelo antigo regime, fortemente desigual, promoveu um pensamento e uma prática caracterizados pelo «respeito devido às pessoas».

É preciso começar pelas crianças. A mãe de São Bernardo – diz o autor da Filoteia – amava seus filhos recém-nascidos «com respeito como uma coisa sagrada que Deus lhe confiara». Uma

repreensão muito grave dirigida pelo bispo de Genebra aos pagãos dizia respeito ao seu desprezo pela vida de seres indefesos. O respeito pela criança que está para nascer emerge neste trecho de uma carta, redigida segundo a retórica barroca da época, dirigida por Francisco de Sales a uma mulher grávida. Ele a encoraja explicando que a criança que está se formando em suas entranhas não é apenas «uma imagem viva da divina Majestade», mas também a imagem de sua mãe. Recomenda a outra mulher:

Ofereça frequentemente à glória eterna do seu Criador a criaturinha cuja formação Ele quis que você assumisse como sua cooperadora.

Outro aspecto do respeito devido aos outros diz respeito ao tema da liberdade. A descoberta de novas terras teve, como consequência nefasta, o ressurgimento da escravidão, que remetia às práticas dos antigos romanos na época do paganismo. A venda de seres humanos os rebaixava ao nível dos animais:

Um dia, Marco Antônio comprou de um mercador dois jovens; então, como ainda acontece hoje em algumas regiões, vendiam-se crianças; havia homens que as conseguiam e depois as traficavam como se faz com cavalos em nossos países.

O respeito pelos outros é continuamente ameaçado de forma mais sutil pela maledicência e pela calúnia. Francisco de Sales insiste bastante nos «pecados da língua». Um capítulo da Filoteia que trata explicitamente desse assunto intitula-se A honestidade nas palavras e o respeito que se deve às pessoas. Arruinar a reputação de alguém é cometer um «assassinato espiritual»; é privar «a vida civil» daquele de quem se fala mal. Assim também, «ao censurar o vício», esforçar-se-á para poupar o máximo possível «a pessoa implicada nele».

Certas categorias de pessoas são facilmente denegridas ou desprezadas. Francisco de Sales defende a dignidade do povo baseando-se no Evangelho: «São Pedro – comenta – era um homem rude, grosseiro, um velho pescador, um trabalhador de baixa

condição; São João, ao contrário, era um cavalheiro, doce, amável, sábio; São Pedro, porém, ignorante». Ora, foi São Pedro quem foi escolhido para guiar os outros e para ser o «superior universal».

Ele proclama a dignidade dos doentes, dizendo que «as almas que estão na cruz são declaradas rainhas». Denunciando a «crueldade para com os pobres» e exaltando a «dignidade dos pobres», justifica e esclarece a atitude que se deve ter para com eles, explicando «como devemos honrá-los e, portanto, visitá-los como representantes de Nosso Senhor». Ninguém é inútil, ninguém é insignificante: «Não há no mundo objeto que não possa ser útil para alguma coisa; mas é preciso saber encontrar seu uso e lugar».

O «um-diferente» salesiano

O problema que sempre atormentou as sociedades humanas é o de conciliar entre si a dignidade e a liberdade de cada indivíduo com as dos outros. Recebeu de Francisco de Sales um esclarecimento original, graças à invenção de uma nova palavra. De fato, admitindo que o universo é formado por «todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis» e que «a sua diversidade é reconduzida à unidade», o bispo de Genebra propôs chamá-lo de «um-diferente», ou seja, «único e diferente, único com diversidade e diferente com unidade».

Para ele, todo ser é único. As pessoas são como as pérolas de que fala Plínio: «são tão únicas, cada uma em sua qualidade, que nunca se encontram duas perfeitamente iguais». É significativo que suas duas principais obras, Introdução à vida devota e Tratado do amor de Deus, sejam dirigidas a uma pessoa singular, Filoteia e Teótimo. Que variedade e diversidade entre os seres! «Sem dúvida, como vemos que nunca se encontram dois homens perfeitamente iguais quanto aos dons da natureza, assim nunca se encontram perfeitamente iguais quanto aos dons sobrenaturais». A variedade o encantava também do ponto de vista puramente estético, mas temia uma curiosidade indiscreta sobre suas causas:

Se alguém se perguntasse por que Deus fez as melancias maiores que os morangos, ou os lírios maiores que as violetas; por que o alecrim não é uma rosa ou por que o cravo não é uma calêndula; por que o pavão é mais belo que um morcego, ou por que o figo é doce e o limão azedo, ririam de suas perguntas e diriam: pobre homem, como a beleza do mundo exige variedade, é necessário que nas coisas haja perfeições diferentes e diferenciadas e que uma não seja a outra; por isso umas são pequenas, outras grandes, umas ácidas, outras doces, umas mais belas, outras menos. [...] Todas têm seu mérito, sua graça, seu esplendor, e todas, vistas no conjunto de suas variedades, constituem um maravilhoso espetáculo de beleza.

A diversidade não impede a unidade; pelo contrário, a torna ainda mais rica e bela. Cada flor tem suas características, que a distinguem de todas as outras: «Não é próprio das rosas serem brancas, me parece, porque as vermelhas são mais belas e têm um perfume melhor, o qual, porém, é próprio do lírio». Certamente, Francisco de Sales não suporta confusão e desordem, mas é igualmente inimigo da uniformidade. A diversidade dos seres pode levar à dispersão e à ruptura da comunhão, mas se há amor, «vínculo da perfeição», nada está perdido; pelo contrário, a diversidade é exaltada pela união. Em Francisco de Sales há certamente uma cultura real do indivíduo, mas esta nunca é um fechamento ao grupo, à comunidade ou à sociedade. Ele vê espontaneamente o indivíduo inserido em um contexto ou «estado» de vida, que marca fortemente a identidade e a pertença de cada um. Não será possível estabelecer um programa ou projeto igual para todos, pelo simples fato de que será aplicado e realizado de maneira diferente «para o cavalheiro, para o artesão, para o criado, para o príncipe, para a viúva, para a jovem, para a casada»; é preciso ainda adaptá-lo «às forças e aos deveres de cada um em particular». O bispo de Genebra vê a sociedade dividida em espaços vitais caracterizados pela pertença social e solidariedade de grupo, como quando trata «da companhia de soldados, da oficina dos artesãos, da corte dos príncipes, da

família de pessoas casadas».

O amor personaliza e, portanto, individualiza. O afeto que liga uma pessoa a outra é único, como demonstra Francisco de Sales em sua relação com a senhora de Chantal: «Cada afeto tem sua peculiaridade que o diferencia dos outros; o que sinto por você possui certa particularidade que me consola infinitamente e, para dizer tudo, para mim é sobremaneira frutífero». O sol ilumina todos e cada um: «iluminando um canto da terra, não o ilumina menos do que faria se não brilhasse em outro lugar, mas somente naquele canto».

O ser humano está em transformação

Humanista cristão, Francisco de Sales acredita finalmente na possibilidade que a pessoa humana tem de se aperfeiçoar. Erasmo havia forjado a fórmula: *Homines non nascuntur sed finguntur* [Os homens não nascem prontos, mas precisam se fazer]. Enquanto o animal é um ser predeterminado, guiado pelo instinto, o homem, ao contrário, está em perpétua evolução. Não só muda, mas pode mudar a si mesmo, tanto para melhor quanto para pior.

O que preocupava inteiramente o autor do Teótimo era aperfeiçoar a si mesmo e ajudar os outros a se aperfeiçoarem, e não apenas no âmbito religioso, mas em tudo. Do nascimento à sepultura, o homem está em situação de aprendiz. Imitemos o crocodilo que «nunca deixa de crescer enquanto vive». De fato, «permanecer no mesmo estado por muito tempo não é possível: quem não avança, retrocede neste trânsito; quem não sobe, desce nesta escada; quem não vence é vencido nesta luta». Ele cita São Bernardo que dizia: «Está escrito de modo particular para o homem que nunca estará no mesmo estado: é preciso que avance ou retroceda». Vamos em frente:

Não sabes que estás em caminho e que o caminho não é feito para sentar, mas para avançar? E é tão feito para avançar que mover-se para frente se chama caminhar.

Isso significa também que a pessoa humana é educável, capaz de aprender, de se corrigir e de melhorar. E isso é verdade em

todos os níveis. A idade às vezes não tem nada a ver. Olhem para esses meninos cantores da catedral, que superam em muito as capacidades do seu bispo nesse campo: «Admiro essas crianças – dizia – que mal sabem falar e que já cantam sua parte; compreendem todos os sinais e regras musicais, enquanto eu não saberia mesmo como me virar, eu que sou um homem feito e que gostaria de passar por uma grande personalidade». Ninguém neste mundo é perfeito:

Há pessoas de natureza leve, outras grosseiras, outras ainda muito relutantes em ouvir as opiniões alheias, e outras finalmente propensas à indignação, outras à cólera e outras ao amor; para resumir, encontramos poucas pessoas em que não seja possível descobrir uma ou outra dessas imperfeições.

Deve-se então desesperar de poder melhorar o próprio temperamento, corrigindo alguma de nossas inclinações naturais? De jeito nenhum.

Por mais que, de fato, sejam em cada um de nós como próprias e naturais, se com a aplicação a um apego contrário podem ser corrigidas e reguladas, e até mesmo alguém pode se livrar delas e se purificar, então, digo a você, Filoteia, que é preciso fazê-lo. Encontrou-se até o modo de tornar doces as amendoegas amargas: basta furá-las na base e fazer sair o suco; por que não poderíamos então fazer sair nossas inclinações perversas, para assim nos tornarmos melhores?

Daí a conclusão otimista, mas exigente: «Não há natureza boa que não possa se tornar má, por meio de hábitos viciosos; não há natureza tão perversa que não possa, primeiramente com a graça de Deus e depois com empenho industrioso e diligência, ser domada e vencida». Se o homem é educável, não se deve desesperar de ninguém e deve-se evitar preconceitos contra as pessoas:

Não digam: fulano é um bêbado, mesmo que o tenham visto bêbado; é um adúltero, por tê-lo visto pecar; é um incestuoso,

por tê-lo apanhado naquela desgraça; porque um único ato não basta para dar nome à coisa. [...] E mesmo quando um homem tenha sido viciado por muito tempo, ainda assim correria o risco de mentir ao chamá-lo viciado.

A pessoa humana nunca termina de cultivar seu jardim. É a lição que o fundador das visitandinas lhes incutia, quando as chamava «a cultivar a terra e o jardim» de seus corações e espíritos, porque não existe «homem tão perfeito que não precise se empenhar tanto para crescer na perfeição quanto para mantê-la».

Dom José Luis Carreño, missionário salesiano

O P. José Luís Carreño (1905-1986) foi descrito pelo historiador José Thekkedath como “o salesiano mais amado do sul da Índia” na primeira metade do século XX. Em todos os lugares onde viveu – seja na Índia britânica, na colônia portuguesa de Goa, nas Filipinas ou na Espanha – encontramos salesianos que guardam com carinho sua memória. Estranhamente, porém, ainda não dispomos de uma biografia adequada deste grande salesiano, exceto pela extensa carta mortuária redigida pelo P. José Antônio Rico: “José Luís Carreño Etxeandía, operário de Deus”. Esperamos que em breve essa lacuna seja preenchida. O P. Carreño foi um dos artífices da região da Ásia Sul, e não podemos nos dar ao luxo de esquecê-lo.

José Luís Carreño Etxeandía nasceu em Bilbao, na Espanha, em 23 de outubro de 1905. Órfão de mãe aos oito anos, foi acolhido na casa salesiana de Santander. Em 1917, aos doze anos, entrou no aspirantado de Campello. Lembra que naquela

época “não se falava muito de Dom Bosco... Mas para nós um P. Binelli era um Dom Bosco, sem falar do P. Rinaldi, então Prefeito Geral, cujas visitas nos deixavam uma sensação sobrenatural, como quando os mensageiros de Javé visitaram a tenda de Abraão”.

Após o noviciado e pós-noviciado, realizou o tirocínio como assistente dos noviços. Devia ser um clérigo brilhante, pois o P. Pedro Escursell escreveu ao Reitor-Mor sobre ele: “Estou falando neste momento com um dos clérigos modelo desta casa. Ele é assistente na formação do pessoal desta Inspetoria; me disse que há muito tempo pede para ser enviado às missões e que desistiu de pedir porque não recebe resposta. É um jovem de grande valor intelectual e moral.”

Na véspera de sua ordenação sacerdotal, em 1932, o jovem José Luís escreveu diretamente ao Reitor-Mor, oferecendo-se para as missões. A oferta foi aceita, e ele foi enviado para a Índia, desembarcando em Mumbai em 1933. Apenas um ano depois, quando foi criada a Inspetoria da Índia do Sul, foi nomeado mestre dos noviços em Tirupattur: tinha apenas 28 anos. Com suas extraordinárias qualidades de mente e coração, tornou-se rapidamente a alma da casa e deixou uma profunda impressão em seus noviços. “Nos conquistou com seu coração paterno”, escreve um deles, o arcebispo Hubert D’Rosario de Shillong.

O P. José Vaz, outro noviço, contava frequentemente como Carreño percebeu que ele tremia de frio durante uma conferência. “Espere um momento, homem,” disse o mestre dos noviços, e saiu. Pouco depois voltou com um suéter azul que entregou a Joe. Joe notou que o suéter estava estranhamente quente. Então lembrou que sob a batina seu mestre usava algo azul... que agora não estava mais lá. Carreño lhe dera seu próprio suéter.

Em 1942, quando o governo britânico na Índia aprisionou todos os estrangeiros provenientes de países em guerra com a Grã-Bretanha, Carreño, sendo cidadão de um país neutro, não foi incomodado. Em 1943 recebeu uma mensagem pela Rádio Vaticana: deveria substituir o P. Eligio Cinato, inspetor da Inspetoria da Índia do Sul, também preso. No mesmo período, o arcebispo

salesiano Luís Mathias de Madras-Mylapore o convidou para ser seu vigário geral.

Em 1945 foi oficialmente nomeado inspetor, cargo que ocupou de 1945 a 1951. Um de seus primeiros atos foi consagrar a Inspeção ao Sagrado Coração de Jesus. Muitos salesianos acreditavam que o extraordinário crescimento da Inspeção do Sul se devia justamente a esse gesto. Sob a liderança do P. Carreño, as obras salesianas dobraram. Um de seus atos mais visionários foi o início de uma faculdade universitária na remota e pobre vila de Tirupattur. O Sacred Heart College acabaria por transformar todo o distrito.

O P. Carreño foi também o principal artífice da “indianização” do rosto salesiano na Índia, buscando desde o início vocações locais, em vez de depender exclusivamente dos missionários estrangeiros. Uma escolha que se revelou providencial: primeiro, porque o fluxo de missionários estrangeiros cessou durante a guerra; depois, porque a Índia independente decidiu não conceder mais vistos a novos missionários estrangeiros. “Se hoje os salesianos na Índia são mais de dois mil, o mérito desse crescimento deve ser atribuído às políticas iniciadas pelo P. Carreño,” escreve o P. Thekkedath em sua história dos salesianos na Índia.

Como dissemos, o P. Carreño não era apenas inspetor, mas também vigário de Dom Mathias. Esses dois grandes homens, que se estimavam profundamente, eram, porém, muito diferentes em temperamento. O arcebispo defendia medidas disciplinares severas contra os coirmãos em dificuldades, enquanto o P. Carreño preferia procedimentos mais brandos. O visitador extraordinário, P. Albino Fedrigotti, parece ter dado razão ao arcebispo, definindo o P. Carreño como “um excelente religioso, um homem de grande coração”, mas também “um pouco poeta demais”.

Não faltou também a acusação de ser um mau administrador, mas é significativo que uma figura como o P. Aurélio Maschio, grande procurador e arquiteto das obras salesianas de Mumbai, tenha rejeitado firmemente tal acusação. Na verdade, o P. Carreño era um inovador e visionário. Algumas de suas ideias –

como a de envolver voluntários não salesianos para um serviço de alguns anos – eram, na época, vistas com desconfiança, mas hoje são amplamente aceitas e ativamente promovidas.

Em 1951, ao término de seu mandato oficial como inspetor, Carreño foi chamado a retornar à Espanha para cuidar dos Salesianos Cooperadores. Esse não era o verdadeiro motivo de sua partida, após dezoito anos na Índia, mas Carreño aceitou serenamente, embora não sem dor.

Em 1952 foi enviado a Goa, onde permaneceu até 1960. “Goa foi amor à primeira vista,” escreveu em Urdimbre en el telar. Goa, por sua vez, o acolheu no coração. Prosseguiu a tradição dos salesianos que serviam como diretores espirituais e confessores do clero diocesano, e foi até patrono da associação dos escritores em língua concani. Acima de tudo, governou a comunidade de Dom Bosco Panjim com amor, cuidou com extraordinária paternidade dos muitos meninos pobres e, mais uma vez, dedicou-se ativamente à busca de vocações para a vida salesiana. Os primeiros salesianos de Goa – pessoas como Thomas Fernandes, Elias Diaz e Rômulo Noronha – contavam com lágrimas nos olhos como Carreño e outros passavam pelo Goa Medical College, bem ao lado da casa salesiana, para doar sangue e assim conseguir algumas rúpias para comprar mantimentos e outros bens para os meninos.

Em 1961 ocorreram a ação militar indiana e a anexação de Goa. Naquele momento o P. Carreño estava na Espanha e não pôde mais retornar à terra amada. Em 1962 foi enviado às Filipinas como mestre dos noviços. Acompanhou apenas três grupos de noviços, porque em 1965 pediu para voltar à Espanha. A origem de sua decisão foi uma séria divergência de visão entre ele e os missionários salesianos vindos da China, especialmente com o P. Carlo Braga, superior da visitadoria. Carreño se opôs fortemente à política de enviar os jovens salesianos filipinos recém-professos a Hong Kong para os estudos de filosofia. Como aconteceu, no final os superiores aceitaram a proposta de manter os jovens salesianos nas Filipinas, mas naquele momento o pedido de Carreño para retornar ao país já havia sido aceito.

Dom Carreño passou apenas quatro anos nas Filipinas, mas também ali, como na Índia, deixou uma marca indelével, “uma contribuição incomensurável e crucial para a presença salesiana nas Filipinas”, segundo as palavras do historiador salesiano Nestor Impelido.

De volta à Espanha, colaborou com as Procuradorias Missionárias de Madri e de New Rochelle, e na animação das inspetorias ibéricas. Muitos na Espanha ainda lembram o velho missionário que visitava as casas salesianas, contagiando os jovens com seu entusiasmo missionário, suas canções e sua música.

Mas em sua imaginação criativa estava tomando forma um novo projeto. Carreño dedicou-se de todo coração ao sonho de fundar um Pueblo Misionero com dois objetivos: preparar jovens missionários – em sua maioria vindos da Europa Oriental – para a América Latina; e oferecer um refúgio para missionários “aposentados” como ele, que também poderiam servir como formadores. Após uma longa e sofrida correspondência com os superiores, o projeto finalmente tomou forma no Hogar del Misionero em Alzuza, a poucos quilômetros de Pamplona. O componente vocacional missionário nunca decolou, e foram pouquíssimos os missionários idosos que efetivamente se juntaram a Carreño. Seu principal apostolado nesses últimos anos permaneceu o da caneta. Deixou mais de trinta livros, entre os quais cinco dedicados ao Santo Sudário, ao qual era particularmente devoto.

O P. José Luís Carreño faleceu em 1986 em Pamplona, aos 81 anos. Apesar dos altos e baixos de sua vida, este grande amante do Sagrado Coração de Jesus pôde afirmar, no jubileu de ouro de sua ordenação sacerdotal: “Se cinquenta anos atrás meu lema como jovem padre era ‘Cristo é tudo’, hoje, velho e dominado por seu amor, eu o escreveria em letras de ouro, porque na verdade CRISTO É TUDO”.

P. Ivo COELHO, sdb

As sete alegrias de Nossa Senhora

No coração da obra educativa e espiritual de São João Bosco, a figura de Nossa Senhora ocupa um lugar privilegiado e luminoso. Dom Bosco não foi apenas um grande educador e fundador, mas também um fervoroso devoto da Virgem Maria, a quem venerava com profundo afeto e a quem confiava todos os seus projetos pastorais. Uma das expressões mais características dessa devoção é a prática das “Sete alegrias de Nossa Senhora”, proposta de forma simples e acessível em sua publicação “O jovem instruído”, um dos textos mais difundidos em sua pedagogia espiritual.

Uma obra para a alma dos jovens

Em 1875, Dom Bosco publicou uma nova edição de “O jovem instruído na prática de seus deveres nos exercícios de piedade cristã”, um manual de orações, exercícios espirituais e normas de conduta cristã pensado para os jovens. Este livro, redigido com um estilo sóbrio e paternal, tinha a intenção de acompanhar os jovens em sua formação moral e religiosa, introduzindo-os a uma vida cristã integral. Nele também havia espaço para a devoção às “Sete Alegrias de Maria Santíssima”, uma oração simples, mas intensa, estruturada em sete pontos. Diferentemente das “Sete Dores de Nossa Senhora”, muito mais conhecidas e difundidas na piedade popular, as “Sete alegrias” de Dom Bosco enfatizam as alegrias da Santíssima Virgem no Paraíso, consequência de uma vida terrena vivida na plenitude da graça de Deus.

Essa devoção tem origens antigas e foi particularmente apreciada pelos Franciscanos, que a difundiram a partir do século XIII, como Rosário das Sete Alegrias da Bem-Aventurada Virgem Maria (ou Coroa Seráfica). Na forma franciscana

tradicional, é uma oração devocional composta por sete dezenas de Ave Marias, cada uma precedida por um mistério alegre (alegria) e introduzida por um Pai Nosso. Ao final de cada dezena, reza-se um Glória ao Pai. As alegrias são: 1. A Anunciação do Anjo; 2. A visita a Santa Isabel; 3. O nascimento do Salvador; 4. A adoração dos Magos; 5. O encontro de Jesus no templo; 6. A ressurreição do Filho; 7. A assunção e coroação de Maria no céu.

Dom Bosco, inspirando-se nessa tradição, oferece uma versão simplificada, adequada à sensibilidade dos jovens.

Cada uma dessas alegrias é meditada através da recitação de uma Ave Maria e um Glória ao Pai.

A pedagogia da alegria

A escolha de propor aos jovens essa devoção não responde apenas a um gosto pessoal de Dom Bosco, mas se insere plenamente em sua visão educativa. Ele estava convencido de que a fé deveria ser transmitida através da alegria, não do medo; através da beleza do bem, não do temor do mal. As “Sete alegrias” tornam-se assim uma escola de alegria cristã, um convite a reconhecer que, na vida da Virgem, a graça de Deus se manifesta como luz, esperança e realização.

Dom Bosco conhecia bem as dificuldades e sofrimentos que muitos de seus jovens enfrentavam diariamente: a pobreza, o abandono familiar, a precariedade do trabalho. Por isso, oferecia-lhes uma devoção mariana que não se limitasse ao pranto e à dor, mas que fosse também uma fonte de consolo e alegria. Meditar as alegrias de Maria significava abrir-se a uma visão positiva da vida, aprender a reconhecer a presença de Deus mesmo nos momentos difíceis e confiar com fé na ternura da Mãe celeste.

Na publicação “O jovem instruído”, Dom Bosco escreve palavras tocantes sobre o papel de Maria: apresenta-a como mãe amorosa, guia segura e modelo de vida cristã. A devoção às suas alegrias não é uma simples prática devocional, mas um meio para entrar em relação pessoal com Nossa Senhora, para imitar suas virtudes e receber sua ajuda materna nas provas da vida.

Para o santo turinense, Maria não é distante ou inacessível, mas próxima, presente, ativa na vida de seus filhos. Essa visão mariana, fortemente relacional, atravessa toda a espiritualidade salesiana e se reflete também na vida cotidiana dos oratórios: ambientes onde a alegria, a oração e a familiaridade com Maria caminham lado a lado.

Um legado vivo

Ainda hoje, a devoção às “Sete alegrias de Nossa Senhora” mantém intacto seu valor espiritual e educativo. Em um mundo marcado por incertezas, medos e fragilidades, ela oferece um caminho simples, mas profundo, para descobrir que a fé cristã é, antes de tudo, uma experiência de alegria e luz. Dom Bosco, profeta da alegria e da esperança, nos ensina que a verdadeira educação cristã passa pela valorização dos afetos, das emoções e da beleza do Evangelho.

Redescobrir hoje as “Sete alegrias” significa também recuperar um olhar positivo sobre a vida, a história e a presença de Deus. Com sua humildade e sua confiança, Nossa Senhora nos ensina a guardar e meditar no coração os sinais da verdadeira alegria, aquela que não passa, porque fundada no amor de Deus. Em um tempo em que também os jovens buscam luz e sentido, as palavras de Dom Bosco permanecem atuais: “Se quiserem ser felizes, pratiquem a devoção a Maria Santíssima”. As “Sete alegrias” são, então, uma pequena escada para o céu, um rosário de luz que une a terra ao coração da Mãe celeste.

Aqui está também o texto original retirado de “O jovem instruído na prática de seus deveres religiosos”, 1952 (pp. 230-231), com nossos títulos.

As sete alegrias que Maria desfruta no Céu

1. Pureza cultivada

Alegrai-vos, ó Esposa imaculada do Espírito Santo, por aquele gozo que experimentais agora no Paraíso, porque por vossa humildade, pureza e virgindade fostes exaltada acima de todos os Anjos e sublimada além de todos os santos.

Ave Maria e Glória.

2. Sabedoria buscada

Alegrai-vos, ó Mãe de Deus, por aquele gozo que experimentais no Paraíso, porque da mesma forma que o sol cá na terra ilumina o mundo inteiro, assim vós com vosso resplendor embelezais e fazeis resplandecer todo o Paraíso.

Ave Maria e Glória.

3. Obediência filial

Alegrai-vos, ó Filha de Deus, pela sublime dignidade a que fostes exaltada no Paraíso, porque todas as Hierarquias dos Anjos, dos Arcanjos, dos Tronos, das Dominações e de todos os Espíritos Bem-Aventurados vos prestam honra e reverência e vos reconhecem como Mãe de seu Criador, e ao menor aceno vosso, vos prestam imediata obediência.

Ave Maria e Glória.

4. Oração contínua

Alegrai-vos, ó Serva da Santíssima Trindade, pelo grande poder que tendes no Paraíso, porque vos são imediatamente concedidas todas as graças que pedis ao vosso Filho Jesus, de tal sorte que, diz São Bernardo, não se concede nenhuma graça aos homens, sem que antes passe por vossas mãos santíssimas.

Ave Maria e Glória.

5. Humildade vivida

Alegrai-vos, ó Augustíssima Rainha, porque só vós merecestes sentar à direita do vosso Santíssimo Filho, que está assentado à direita do Eterno Pai.

Ave Maria e Glória.

6. Misericórdia praticada

Alegrai-vos, ó Esperança dos pecadores, Refúgio dos atribulados, ao ver que todos os que vos louvam e veneram neste mundo são premiados pelo Eterno Pai com a sua santa graça na terra e com a sua imensa glória no céu.

Ave Maria e Glória.

7. Esperança premiada

Alegrai-vos, ó Mãe, Filha e Esposa de Deus, porque todas as graças, todos os gozos, todas as alegrias e todos os privilégios que agora gozais no Paraíso não diminuirão jamais; antes, aumentarão até ao dia do juízo e durarão por toda a eternidade.

Ave Maria e Glória.

Oração à beatíssima Virgem

Ó gloriosa Virgem Maria, Mãe do meu Senhor, fonte de todas as nossas consolações, por estas vossas alegrias, que recordei com a maior devoção que me foi possível, rogo-vos me alcanceis de Deus a remissão dos meus pecados e o auxílio contínuo de sua graça, para que nunca me torne indigno da vossa proteção, mas pelo contrário tenha a dita de receber todos os favores celestes que costumais alcançar e conceder aos que fazem devota comemoração destas alegrias, que inundam o vosso belo Coração, ó Rainha imortal do Céu. Assim seja.

Foto: shutterstock.com

Diálogo familiar

Filho: “O senhor ficou sabendo o que aconteceu na Ucrânia?”

Pai: “Bah!”

Mãe: “A sopa está suficientemente salgada?”.

Filho: “Isso é um problema, não é?”.

Pai: “Sim”.

Filho: “Então, o que o senhor acha?”.

Pai: “Você tem razão, falta um pouco de sal”.

Mãe: “Aqui, pegue”.

Filho: “É estranho como se conseguiu chegar a esse ponto”.

Mãe: “Quais as suas notas em matemática?”.

Pai: “Eu nunca entendi nada de matemática”.

Mãe: “Está frio hoje...”.

Um marido ouve a esposa por no máximo 17 segundos e depois começa a falar.

A esposa ouve o marido por no máximo 17 segundos e depois começa a falar.

Marido e mulher ouvem seus filhos por...

O oratório festivo de Valdocco

Em 1935, após a canonização de Dom Bosco em 1934, os salesianos tiveram o cuidado de coletar testemunhos sobre ele. Um tal Pedro Pons, que quando menino tinha frequentado o oratório festivo de Valdocco por cerca de dez anos (de 1871 a 1882) e que também tinha frequentado dois anos de escola primária (com salas de aula sob a Basílica de Maria Auxiliadora), no dia 8 de novembro deu um belo testemunho daqueles anos. Extraímos dele algumas passagens, quase todas inéditas.

A figura de Dom Bosco

Ele era o centro de atração de todo o Oratório. É assim que o nosso ex-oratoriano Pedro Pons se lembra dele no final dos anos 1970: “Ele não tinha mais vigor, mas estava sempre calmo e sorridente. Tinha dois olhos que perfuravam e penetravam a mente. Comparecia entre nós: era uma alegria para todos”. O P. Rua, o P. Lazzeri estavam ao seu lado como se tivessem o Senhor no meio deles. O P. Barberis e todos os rapazes corriam em sua direção, cercando-o, alguns andando ao seu lado, outros atrás dele com o rosto voltado para ele. Era uma sorte, um

privilégio cobiçado poder estar perto dele, conversar com ele. Ele passeava devagar, conversando e olhando para todos, com aqueles dois olhos que se voltavam para todos os lados, eletrizando os corações com alegria”.

Entre os episódios que ficaram gravados em sua mente 60 anos depois, ele se lembra de dois em particular: “Um dia... ele apareceu sozinho na porta da frente do santuário. Então, um bando de meninos correu para encontrá-lo como uma rajada de vento. Mas ele segura na mão o guarda-chuva, que tem um cabo e uma haste tão grossa como a dos camponeses. Ele o levanta e, usando-o como uma espada, faz malabarismos para repelir aquele ataque afetuoso, ora para a direita, ora para a esquerda, para abrir a passagem. Toca um com a ponta, outro para o lado, mas, enquanto isso, os outros se aproximam pelo outro lado. Assim, o jogo, a brincadeira continua, alegrando os corações, ansiosos por ver o bom Pai voltar de sua viagem. Ele parecia um pároco de aldeia, mas daqueles bem simples”.

Os jogos e o teatrinho

É impensável um oratório salesiano sem jogos. O ex-aluno idoso recorda: “O pátio era ocupado por um prédio, a igreja de Maria Auxiliadora e no final de um muro baixo... no canto esquerdo havia uma espécie de cabana, onde sempre havia alguém para vigiar quem entrava... Logo na entrada à direita, havia um balanço com um único assento, depois as barras paralelas e a barra fixa para os meninos maiores, que gostavam de dar piruetas e cambalhotas, e também o trapézio e o passo do gigante, que ficavam, porém, perto das sacristias, além da capela de São José”. E ainda: “Esse pátio era bem comprido e se prestava muito bem as corridas de velocidade que partiam da lateral da igreja e retornavam para lá no caminho de volta. Também se brincava com “prende e solta”, corridas de sacos e quebra-pote. Esses últimos jogos eram anunciados desde o domingo anterior. O mesmo acontecia com o pau de sebo, mas o pau era fincado com a ponta fina na parte inferior para que fosse mais difícil subir. Havia loterias, e o bilhete custava um ou dois centavos. Dentro da casinha havia uma pequena

biblioteca em um armário”.

O jogo era acompanhado pelo famoso “teatrinho”, no qual eram apresentados dramas autênticos, como “O filho do cruzado”, as canções de Dom Cagliero e os “musicais”, como o Sapateiro, personificado pelo lendário Carlos Gastini [um brilhante animador dos ex-alunos]. A peça, assistida gratuitamente pelos pais, era realizada no salão sob a nave da igreja de Maria A., mas o antigo oratoriano também lembra que “uma vez foi apresentada na casa Moretta [atual igreja paroquial perto da praça]. As pessoas pobres viviam lá na mais miserável pobreza. Nos porões que podem ser vistos sob a varanda, havia uma mãe pobre que, ao meio-dia, levava nos ombros seu filho Carlos, cujo corpo era rígido por causa de uma doença, a fim de poder tomar sol”.

As funções religiosas e as reuniões formativas

No oratório festivo não faltavam as funções religiosas nas manhãs de domingo: Santa Missa com a Sagrada Comunhão, orações do bom cristão; à tarde, seguia-se a recreação, o catecismo e a pregação do P. Júlio Barberis. Já idoso, “Dom Bosco nunca vinha para rezar a missa ou pregar, mas apenas para visitar e entreter-se com os meninos durante o recreio... Os catequistas e assistentes levavam seus alunos com eles para a igreja durante as funções e lhes ensinavam o catecismo. A pequena pregação era feita para todos. Exigia-se que a lição fosse memorizada em cada festa e também a explicação”. As festas solenes terminavam com uma procissão e um lanche para todos: “Ao sair da igreja depois da missa, havia um lanche. Um jovem à direita, do lado de fora da porta, dava o pão, outro à esquerda colocava duas fatias de salame com um garfo”. Aqueles meninos se contentavam com pouco, mas estavam muito felizes. Quando os meninos internos se juntavam aos oratorianos para cantar as vésperas, suas vozes podiam ser ouvidas na Rua Milão e na Rua Corte de Apelação!

As reuniões formativas do grupo também eram realizadas no oratório festivo. Na casinha perto da igreja de São Francisco,

havia “uma sala pequena e baixa com capacidade para cerca de vinte pessoas... Na sala havia uma pequena mesa para o palestrante, havia bancos para as reuniões e conferências para os mais crescidos em geral e para a Companhia de São Luís, quase todos os domingos”.

Quem eram os oratorianos?

De seus cerca de 200 companheiros – mas seu número diminuía no inverno devido ao retorno dos trabalhadores sazonais para suas famílias – nosso alegre senhor lembrava que muitos eram de Biella “quase todos ‘bic’, ou seja, carregavam o balde de madeira cheio de cal e o cesto de vime cheio de tijolos para os pedreiros das construções”. Outros eram “aprendizes de pedreiros, mecânicos, funileiros”. Pobres aprendizes: trabalhavam da manhã à noite, todos os dias, e somente aos domingos podiam se dar ao luxo de um pouco de recreação “na casa de Dom Bosco” (como era chamado seu oratório): “Brincávamos de “Elefante voa”, sob a direção do então Sr. Milanesio [um futuro padre que foi um grande missionário na Patagônia]. O senhor Ponzano, mais tarde padre, era professor de ginástica. Ele nos obrigava a fazer exercícios corporais sem instrumentos, com bastões, em aparelhos”.

As lembranças de Pedro Pons são muito mais amplas, tão ricas em sugestões distantes quanto permeadas por uma sombra de nostalgia; elas esperam para serem conhecidas em sua totalidade. Esperamos que isso aconteça em breve.

Ninguém assustava as galinhas (1876)

Ambientada em janeiro de 1876, a peça apresenta um dos mais sugestivos “sonhos” de Dom Bosco, instrumento predileto com

que o santo turinense sacudia e guiava os jovens do Oratório. A visão se abre para uma planície interminável onde fervilham os trabalhos dos semeadores: o trigo, símbolo da Palavra de Deus, só germinará se protegido. Mas galinhas vorazes caem sobre a semente e, enquanto os camponeses cantam versículos evangélicos, os clérigos encarregados da custódia permanecem mudos ou distraídos, deixando que tudo se perca. A cena, animada por diálogos argutos e citações bíblicas, torna-se parábola da murmuração que apaga o fruto da pregação e advertência à vigilância ativa. Com tons ao mesmo tempo paternos e severos, Dom Bosco transforma o elemento fantástico em lição moral incisiva.

Na segunda metade de janeiro o Servo de Deus teve um sonho simbólico do qual falou com alguns Salesianos. P. Barberis pediu-lhe para contá-lo em público porque os seus sonhos agradavam muito aos jovens, faziam-lhes muito bem e os afeiçoava ao Oratório.

– Sim, isso é verdade, respondeu o Beato, fazem bem e são ouvidos com avidez; o único prejudicado sou eu, pois precisaria ter pulmões de ferro. Bem se pode dizer que no Oratório não há sequer um que não se sinta emocionado com tais narrações, pois na maioria das vezes esses sonhos impressionam a todos e cada um quer saber em que situação o tenha visto, o que deva fazer, que significado tenha isto ou aquilo. E eu fico aflito dia e noite. Se depois quero despertar o desejo das confissões gerais, não tenho outra coisa a fazer senão narrar um sonho. Escute, faça uma coisa. Domingo irei falar aos jovens e você interrompe-me em público. Eu então contarei o sonho.

No dia 23 de janeiro, após as orações da noite, ele subiu na cátedra. O seu rosto, radiante de alegria, manifestava, como sempre, a própria alegria de encontrar-se entre seus filhos. Após um pouco de silêncio, P. Barberis pediu para falar e perguntou:

– Desculpe, senhor Dom Bosco, permite-me fazer-lhe uma pergunta?

– Pois não, diga.

– Ouvi dizer que nestas noites passadas, teve um sonho de semeadura, com semeador, com galinhas e que já o contou ao clérigo Calvi. Poderia fazer o favor de contá-lo também a nós? Isso nos daria muito prazer.

– Curioso! – disse Dom Bosco em tom de bronca. E então explodiu uma gargalhada geral.

– Não importa, sabe, que me chame de curioso; contanto que nos conte o sonho. E com este meu pedido creio interpretar a vontade de todos os jovens que certamente o ouvirão com muito gosto.

– Se é assim, eu o conto. Não queria dizer nada porque há coisas que se referem a vários de vocês em particular e algumas também para você, que fazem arder um pouco as orelhas; mas já que me pediram, eu contarei.

– Mas, eh!, senhor Dom Bosco, se há alguma paulada para mim, poupe-a aqui em público.

– Eu contarei as coisas como as sonhei, cada um tome a sua parte. Mas antes de tudo é preciso que cada um tenha em mente que os sonhos me acontecem dormindo e dormindo não se pensa; por isso, se há algo de bom, alguma advertência a tomar, se tome. Além disso, ninguém fique preocupado. Disse que sonhando eu de noite dormia, porque alguns sonham também de dia e algumas vezes até mesmo estando acordados e com não leve incômodo dos professores para os quais tornam-se estudantes que importunam.

Parecia-me estar longe daqui e encontrar-me em Castelnuovo d’Asti, minha terra. Diante de mim, havia uma grande extensão de terra, situada em uma vasta e bela planície; mas aquele terreno não era nosso e não sabia de quem era.

Naquele campo vi muitos que trabalhavam com pás, enxadas e outros instrumentos. Havia um que arava, quem semeava o grão, quem aplainava a terra, quem fazia outras coisas. Havia aqui e lá chefes escolhidos para dirigir os trabalhos e, entre esses, parecia-me estar também eu. Coros de camponeses estavam em outro lugar cantando. Eu observava maravilhado e não sabia

dar-me conta daquele lugar. Dizia a mim mesmo: – Mas, com que finalidade estas pessoas trabalham tanto? E respondia a mim mesmo: – Para prover o pão de cada dia aos meus jovens. E era realmente uma maravilha ver como aqueles bons agricultores não desistiam sequer um instante do trabalho e sem cessar continuavam no seu trabalho com um ardor contínuo e com a mesma constância. Só alguns estavam rindo e brincando entre eles.

Enquanto eu contemplava tão belo quadro, olho ao meu redor e vejo que me rodeavam alguns padres e muitos dos meus clérigos, alguns próximos e outros a uma certa distância. Dizia comigo mesmo: – Mas eu sonho; os meus clérigos estão em Turim, aqui, ao invés, estamos em Castelnuovo. E depois, como pode ser isso? Eu estou com roupa de inverno da cabeça aos pés, somente ontem eu estava com tanto frio e agora aqui se semeia o grão. Eu me tocava as mãos e caminhava e dizia: – Mas realmente não estou sonhando, este é um campo real; este clérigo aqui é o clérigo A... em pessoa; este outro é o clérigo B. E depois, como no sonho eu poderia ver esta coisa e aquela outra?

Nesse meio tempo, vi ali perto mais à parte, um velho que aparentemente se mostrava muito benévolo e sensato, prudente, atento a observar-me e aos outros. Aproximei-me dele e lhe perguntei: – Diga-me, bravo homem, escute-me! Que é isso que eu vejo e não compreendo nada? Onde estamos aqui? Quem são esses trabalhadores? De quem é este campo?

– Oh, respondeu-me aquele homem; belas perguntas a serem feitas! É um padre e não sabe estas coisas?

– Mas por isso diga-me! Você acredita que eu sonho ou que esteja acordado? Pois me parece sonhar e não me parecem possíveis as coisas que vejo.

– Possibilíssimas, antes, reais e me parece que o senhor esteja bem desperto. Não se percebe? Fala, ri, brinca.

– E no entanto há alguns, eu acrescentei, que no sonho parecem falar, escutar, agir, como se estivessem acordados.

– Mas não; deixe de lado tudo isso. O senhor está aqui com corpo e alma.

– Seja pois assim; e se eu despertar, diga-me, então, de quem

é este campo.

– O senhor estudou latim; qual é o primeiro nome da segunda declinação que estudou no Donato? Sabe-o ainda?

– Eh, claro que sei; mas o que tem a ver isso com a minha pergunta?

– Tem a ver e muitíssimo. Diga, pois, qual é o primeiro nome que se estuda na segunda declinação.

– É *Dominus*.

– E como é o genitivo?

– *Domini*!

– Bravo, bem, *Domini*; este campo é pois *Domini*, do Senhor.

– Ah! Agora começo a compreender alguma coisa! – exclamei.

Estava maravilhado pela conclusão obtida daquele bom velho. No momento vi várias pessoas chegando com sacos de grãos para semear e um grupo de camponeses cantava: *Exit, qui seminat, seminare semem suum* (O semeador saiu a semear a sua semente – Lc 8,5).

A mim parecia um pecado jogar fora aquela semente e fazê-las morrer enterrada. Era tão belo aquele grão! Não seria melhor, dizia comigo mesmo, não seria melhor triturá-lo e fazer dele pão ou massa? – Mas depois pensava: – Quem não semeia não recolhe. Se não se lança a semente e essa não apodrece, o que se recolherá depois?

Naquele instante vejo sair de todas as partes uma multidão de galinhas e irem para a semeadura bicar todo grão que outros espalhavam.

E aquele grupo de cantores continuava o seu canto: *Venerunt aves caeli, sustulerunt frumentum e reliquerunt zizaniam* (Vieram as aves do céu, pegaram o trigo e deixaram a cizânia – cf. Mt 12,43).

Dou uma olhada ao redor e observo aqueles clérigos que estavam comigo. Um com as mãos entrelaçadas estava olhando com fria indiferença; outro tagarelava com os colegas, outros se abraçavam; outros olhavam o céu, outros riam daquele quadro, outros continuavam tranquilamente o seu recreio e os seus jogos, outros terminavam algum trabalho seu; mas ninguém espantava as galinhas para fazê-las ir embora. Eu me dirijo a

eles muito magoado e, chamando cada um pelo nome, dizia: – Mas o que fazem? Não veem aquelas galinhas comendo todo o grão? Não veem que destroem a boa semente, fazem desaparecer as esperanças destes bons lavradores? O que colherão depois? Por que estão assim calados? Por que não gritam, por que não as fazem ir embora?

Mas os clérigos encolhiam os ombros, olhavam-me e nada diziam. Alguns nem sequer se viraram: não cuidavam antes daquele campo nem cuidarão depois que eu ralhei.

Vocês são todos insensatos! – eu continuava. As galinhas já estão todas com o papo cheio. Vocês não poderiam bater as mãos e fazer assim? E, no entanto, eu batia as mãos encontrando-me em uma verdadeira confusão, pois de nada adiantavam as minhas palavras. Então alguns se puseram a afugentar as galinhas, mas eu repetia comigo mesmo: – Eh, sim! Agora que todo o grão foi comigo, se espantam as galinhas!

Naquele momento me surpreendeu o ouvido o canto daquele grupo de lavradores os quais cantavam assim: *Canes muti nescientes latrare* (São cães mudos incapazes de ladrar – cf. Is 56,10).

Então me dirigi àquele bom velho e, entre estupefato e indignado, disse-lhe: – Vamos lá! Dê-me uma explicação do que vejo; eu não entendo nada disso. O que é aquela semente que se lança por terra?

– Oh, amigo! *Semen est verbum Dei* (A semente é a Palavra de Deus – Lc 8,11).

– Mas o que quer dizer isso, pois vejo que lá as galinhas a comem?

O velho, mudando o tom de voz, prosseguiu:

– Oh! Se quer uma explicação mais completa eu lha dou. O campo é a vinha do Senhor, da qual se fala no Evangelho, e se pode também entender do coração do homem. Os cultivadores são os operários evangélicos que, especialmente com a pregação, semeiam a Palavra de Deus. Esta palavra produziria muito fruto naquele coração, terreno bem preparado. Mas quê? Vêm os pássaros do céu e a levam embora.

– O que significam esses pássaros?

– Quer que eu lhe diga o que indicam? Indicam as murmurações.

Ouvindo aquela pregação que traria efeito, vai-se com os colegas. Um faz o comentário sobre um gesto, em voz alta, durante uma palavra do pregador, e então se perde todo o fruto da pregação. Um outro culpa o pregador por algum defeito físico ou intelectual, um terceiro ri do seu italiano, e todo o fruto da pregação fica perdido. O mesmo deve-se dizer de uma boa leitura cujo bem fica impedido por uma murmuração. As murmurações são tanto piores, pois geralmente são secretas, ocultas e ali vivem e crescem onde nada mais podemos esperar. O grão, ainda que seja num campo não muito cultivado, todavia nasce, cresce, alcança uma boa altura e produz fruto. Quando num campo, há pouco semeado, vem um temporal, então ele se torna chão batido e não produz mais tanto fruto, mas ainda produz. Se também a sementeira não for tão boa, no entanto crescerá: trará pouco fruto, mas o trará. Ao invés, quando as galinhas ou os pássaros bicam as sementes, não tem mais jeito: o campo não produz mais nada; não traz fruto de qualidade. Do mesmo modo, se às pregações, aos conselhos, aos bons propósitos houver por trás alguma outra coisa como distração, tentação etc., haverá menos fruto; mas quando há murmuração, o falar mal ou coisa semelhante, aqui não há o pouco que permanece, mas há logo o tudo que é levado embora. E a quem compete bater palmas, insistir, ralhar, vigiar, para que estas murmurações, estas más conversas não aconteçam? O senhor o sabe!

– Mas o que faziam esses clérigos? – eu lhe perguntei. Não podiam eles impedir tanto mal?

– Não impediram nada, ele prosseguiu. Alguns estavam observando como estátuas mudas, outros não olhavam, não pensavam, não viam e ali estavam com os braços cruzados, outros não tinham a coragem para impedir esse mal; alguns poucos, porém, se uniam também aos murmuradores, tomavam parte nas suas maledicências, faziam o papel de destruidores da Palavra de Deus. Você que é padre insista sobre isto: prega, exorta, fala, não tenha medo de jamais falar demais; e todos saibam que criticar quem prega, quem exorta, quem dá bom conselho é o que provoca a parte maior do mal. E o ficar

calado quando se vê alguma desordem e não impedi-la, especialmente quem poderia ou deveria, isto é, em resumo, tornar-se cúmplice do mal alheio.

Eu, ciente de tudo por essas palavras, queria ainda olhar, observar esta e aquela coisa, repreender os clérigos, estimulá-los a cumprir o próprio dever. E eles já se mexiam e procuravam afugentar as galinhas. Mas eu, tendo dado alguns passos, tropecei num rastelo, destinado a aplainar a terra, deixado naquele campo, e acordei. Agora deixemos de lado tudo e vamos à moral. P. Barberis, o que nos diz a respeito deste sonho?

– Digo, respondeu P. Barberis, que é uma boa surra e um golpe a quem toca.

– Está certo, retomou Dom Bosco, é uma lição que precisa fazer-nos bem; e tenham em mente isto, meus queridos jovens, evitar entre vocês de qualquer maneira a murmuração, como um mal extraordinário, fugindo dela como se foge da peste, e não só evitá-la vocês, mas com toda força procurar fazer com os outros a evitem. Algumas vezes santos conselhos, ótimas obras não fazem o bem, que leva a impedir uma murmuração e qualquer palavra que possa prejudicar a outros. Armemo-nos de coragem e combatamo-la com franqueza. Não há pior desgraça do que a de fazer perder a palavra de Deus. E basta um mote, basta uma brincadeira.

Contei-lhes um sonho ocorrido já em várias noites, mas nesta noite passada tive um outro que agora desejo narrar-lhes. Ainda não é muito tarde; são apenas as nove eu posso expô-lo a vocês. Contudo procurarei não demorar.

Pareceu-me, então, encontrar-me num lugar que agora não me lembro mais qual fosse; eu não estava mais em Castelnuovo, mas parece-me que nem mesmo estivesse no Oratório. Veio alguém apressadamente me chamar: – Dom Bosco, venha! Dom Bosco, venha!

– Mas qual é o motivo de tanta pressa? – eu respondi.

– Está sabendo das coisas acontecidas?

– Eu não entendo o que você quer dizer: explique-me claramente, respondi ansioso.

– Não sabe, Dom Bosco, que tal jovem tão bom, tão animado, está gravemente enfermo, aliás, moribundo?

– Eu duvido que você queira brincar comigo, lhe disse: porque exatamente esta manhã falei e passei com o mesmo jovem que você agora me diz estar moribundo.

– Ah, Dom Bosco! Eu não o estou enganando e me julgo na obrigação de narrar-lhe a pura verdade. Aquele jovem tem grande necessidade do senhor e deseja vê-lo e falar-lhe pela última vez. Mas venha logo porque senão não chega em tempo.

Eu, sem saber o lugar, fui apressadamente atrás daquele tal. Chego em um lugar e vejo gente triste e chorando que me diz: Ajude-nos logo, por favor, porque está nas últimas.

– Mas o que aconteceu? – respondo. Fui levado em um quarto onde vejo deitado um jovem muito pálido no rosto, com uma cor quase cadavérica, com uma tosse e um estertor que o sufocava e mal permitia que ele falasse.

– Mas você não é o fulano de tal? – eu lhe disse:

– Sim, sou o tal.

– Como está?

– Estou mal!

– E como é que agora o vejo neste estado? Você não estava andando tranquilo sob os pórticos ontem e esta manhã?

– Sim, respondeu o jovem, ontem e esta manhã passeava sob os pórticos; mas agora faça depressa que eu tenho necessidade de confessar-me; vejo que me resta muito pouco tempo.

– Não se aflija, não se aflija; você confessou-se há poucos dias.

– É verdade e me parece não havia nenhuma falta grave no meu coração; todavia desejo receber a santa absolvição antes de apresentar-me ao Divino Juiz.

Eu ouvi a sua confissão. Mas observei que piorava visivelmente e um catarro estava para sufocá-lo. – Mas aqui é preciso agir rápido, digo comigo mesmo, se quiser que receba ainda o santo viático e o óleo santo. Antes, o viático não poderá mais recebê-lo, seja porque requer mais tempo para os preparativos, seja porque a tosse poderia impedi-lo de engolir. Depressa, o óleo santo!

Assim dizendo, saio do quarto e mando imediatamente um homem pegar a bolsa com os óleos santos. Os jovens que estavam na sala me perguntavam:

– Mas está realmente em perigo? Está mesmo moribundo, como se está dizendo?

– Infelizmente! – eu respondia. Não vê que a respiração se lhe torna cada vez mais lenta e o catarro o sufoca?

– Mas será melhor trazer-lhe também o viático e assim fortalecido mandá-lo nos braços de Maria.

Mas enquanto eu me apressava preparando o necessário, ouço um voz. – Expirou!

Entro de novo no quarto e encontro o enfermo com os olhos arregalados; não respira mais; está morto.

– Está morto? – perguntei para aqueles dois que o assistiam.

– Está morto, responderam-me. Está morto.

– Mas como vai, assim tão depressa? Diga-me: não é esse o fulano?

– Sim, é o fulano.

– Não posso acreditar! Ainda ontem passeava comigo sob os pórticos.

– Ontem passeava e agora está morto, me replicaram.

– Felizmente era um jovem bom! – exclamei. E dizia aos jovens que estavam ao meu redor: – Veem, veem? Este não pôde nem mesmo receber o viático e a extrema unção. Agradeçamos, porém, ao Senhor que lhe deu tempo para confessar-se. Este jovem era bom, frequentava bastante os sacramentos, e esperamos que tenha ido para uma vida feliz, ou ao menos no purgatório. Mas se tocasse um pouco a outros o mesmo destino, o que seria agora de alguns?

Dito isso, colocamo-nos todos de joelhos e rezamos um *De profundis* pela alma do pobre falecido.

Enquanto eu ia para o quarto, vejo chegar Ferraris [Coadjutor João Antônio Ferraris, livreiro] da livraria, o qual todo aflito, me diz:

– Sabe, Dom Bosco, o que aconteceu?

– Eh, infelizmente já sei! Morreu o tal! – respondo.

– Não é isso que eu quero dizer; há outros dois mortos.

- Como? Quem?
 - O sicrano e o beltrano.
 - Mas quando? Não compreendo.
 - Sim, dois outros que morreram antes que o senhor chegasse.
 - E por que não me chamou?
 - Faltou tempo. Mas o senhor sabe dizer-me quando este aqui morreu?
 - Morreu agora, respondi.
 - O senhor sabe que dia é hoje e de que mês? – continuou Ferraris.
 - Claro que sei: hoje é 22 de janeiro, segundo dia da novena de São Francisco de Sales.
 - Não, disse Ferraris. O senhor se engana, Dom Bosco; veja bem. – Eu ergo os olhos para o calendário e vejo: *26 de maio*.
 - Mas esta é boa! – exclamei. Estamos em janeiro e eu bem consciente de como estou vestido; não se veste assim em maio; em maio o aquecedor não estaria ligado.
 - Eu não sei o que dizer-lhe ou que explicação dar-lhe, mas agora estamos no dia 26 de maio.
 - Mas se apenas ontem faleceu este nosso companheiro e estávamos em janeiro.
 - Engana-se, insistiu Ferraris; estávamos no tempo pascal.
 - Mais uma você acrescenta e ainda maior!
 - Tempo pascal, sem dúvida; estávamos no tempo pascal, e ele teve mais sorte de morrer na Páscoa do que os outros dois, que morreram no mês de Maria.
 - Você está zombando de mim, eu lhe disse. Explique-se melhor, do contrário eu não o entendo.
 - Eu não estou zombando, em absoluto. A coisa é assim. Se depois quiser saber mais, e que eu me explique melhor, eis! Esteja atento!
 - Abri os braços, depois bati as duas mãos uma contra a outra bem forte. E despertei. Então exclamei: – Oh, que sorte! Não é realidade, mas um sonho. Que medo que eu tive!
- Eis o sonho que tive na noite passada. Vocês deem a ele a importância que quiserem. Eu mesmo não quero dar-lhe fé totalmente. Hoje, porém, quis ver se aqueles que me pareceram

mortos no sonho estavam vivos ainda, e os vi sãos e fortes. Certamente não convém que eu diga e não direi quem são aqueles. Todavia estarei de olho sobre os dois; se for necessário algum conselho para viver bem, lhes darei, e os prepararei fazendo vistas largas sem que percebam; porque assim, se lhes ocorresse morrer, a morte não os encontre despreparados. Mas ninguém fique falando: Será este, será aquele. Cada um pense em si.

E não fiquem preocupados com isso. O efeito que deve surtir em vocês é simplesmente o que nos sugere o Divino Salvador no Evangelho: *Estote parati, quia, qua hora non putatis, filius hominis veniet* (Estejam preparados porque o Filho do homem virá na hora em que não pensais – Lc 12,4). É esta uma importante advertência que nos faz o Senhor, meus queridos jovens. Estejam sempre preparados porque na hora em que menos esperamos pode vir a morte, e aquele que não estiver preparado para morrer bem, corre o grave risco de morrer mal. Eu procuro estar preparado o melhor que posso e vocês façam o mesmo, a fim de que a qualquer hora que agrade ao Senhor chamar-nos, possamos estar prontos para passar à eternidade. Boa noite!

As palavras de Dom Bosco eram ouvidas sempre em religioso silêncio, mas quando ele falava destas coisas extraordinárias, entre as centenas de meninos que lotavam o lugar, não se ouvia um rumor de tosse nem a mais leve roçadura dos pés. A forte impressão durava semanas e meses; e com a impressão aconteciam mudanças radicais no comportamento de alguns endiabrados. Fazia-se depois fila ao redor do confessionário de Dom Bosco. Não vinha à cabeça de ninguém supor que ele inventasse aquelas narrativas para assustar e melhorar a vida dos jovens, porque os anúncios de mortes próximas tornavam-se realidade sempre e certos estados de consciência vistos em sonhos correspondiam à realidade.

Mas o temor produzido por tão lúgubres prognósticos não era uma angústia opressora? Não parece. Apresentavam-se muitas possibilidades e hipóteses a uma multidão de mais de oitocentos jovens a fim de que cada um pudesse preocupar-se

disso. Além do mais, a persuasão realmente difundida, que quem morria no Oratório ia certamente para o Paraíso, e que Dom Bosco preparava os designados sem assustá-los, contribuía para expulsar todo temor do espírito. Por outro lado, sabe-se bem quão grande é a volubilidade juvenil, num instante a fantasia dos jovens é atingida e abalada; mas depois aquela lembrança se liberta bem depressa de qualquer preocupação. É o que nos atestavam unânimes os sobreviventes daqueles tempos.

Tendo os jovens ido dormir, alguns coirmãos que rodeavam o Beato cobriam-no de perguntas para saber se algum deles estava entre aqueles que deviam morrer. O Servo de Deus, sorrindo conforme o seu costume e girando a cabeça, repetia:

– Já, já! Virei dizer-lhes quem é, com perigo de fazer alguém morrer antes do tempo!

Visto que ali não se tirava nada, perguntaram-lhe se no primeiro sonho havia também clérigos fazendo parte das galinhas, que se entregassem à murmuração. Dom Bosco, que passeava, parou, olhou para os interlocutores e deu um risinho como para dizer: – Eh! Alguém sim; mas poucos, e não acrescentou nada mais. – Então lhe pediram que dissesse ao menos se eles estavam entre os cães mudos; o Beato se firmou nos princípios gerais, observando que era preciso estar atentos para evitar e fazer evitar as murmurações e em geral todas as desordens, especialmente as más conversas. – Ai do padre e do clérigo, disse, o qual, encarregado da vigilância, vê as desordens, e não as impede! Desejo que se saiba e se lembrem que com a palavra “murmurações” eu não entendo apenas o cortar a casaca pelas costas, mas toda conversa, todo gracejo, toda palavra que possa diminuir em um colega o fruto da Palavra de Deus ouvida. Em geral, entendo dizer que é um grande mal calar-se, quando se conhece alguma desordem, não a impedindo ou não procurando que a impeça quem de direito.

Um mais ousado fez ao Servo de Deus uma pergunta um tanto arriscada.

– E P. Barberis, por que entra no sonho? O senhor disse que havia também para ele, e o próprio P. Barberis parecia esperar para si uma boa paulada. – P. Barberis estava presente.

Inicialmente Dom Bosco acenava a não querer responder. Mas depois, permanecendo ao seu lado apenas alguns padres e mostrando-se P. Barberis satisfeito que ele revelasse o segredo, o Beato disse:

– Eh! P. Barberis não prega suficientemente sobre este ponto; não insiste quanto é preciso sobre este assunto. – P. Barberis confirmou que nem no ano anterior nem no ano em curso jamais se tinha fixado de propósito sobre aqueles temas aos seus noviços; gostou muito da observação e pendurou-a na orelha para o futuro.

Dito isto, subiram as escadas e todos, após beijar a mão de Dom Bosco, se afastaram e foram dormir. Todos, menos P. Barberis que, conforme o costume, acompanhou-o até a porta do seu quarto. Dom Bosco, vendo que ainda era cedo e pressentindo que não poderia dormir, porque fortemente impressionado pelas coisas expostas, contra o seu hábito costumeiro, fez P. Barberis entrar em seu aposento, dizendo:

– Já que ainda temos tempo podemos dar dois passos num vai-e-vem pela sala.

Assim continuou a discorrer por uma meia hora. Disse então outras coisas: – Eu, no sonho, vi todos e vi o estado em que cada um se encontrava; se galinha, se cão mudo, se no número daqueles que avisados se puseram mãos à obra ou não se moveram. Sirvo-me desta doutrina confessando, exortando em público até ver que produzam o bem. No início não dava muita importância a esses sonhos; mas percebi que na maior parte das vezes são mais eficazes que as pregações; antes, para alguns são mais eficazes do que um curso de Exercícios Espirituais, por isso sirvo-me deles. E por que não? Lê-se na Sagrada Escritura: *Probate spiritus: quod bonum est tenete* (Examinai vossas almas; guardai o que é bom – cf. 1Ts 5,21). Vejo que valem, vejo que agradam, e por que mantê-los secretos? Antes, vejo que contribuem para afeiçoar muitos à Congregação.

– Experimentei eu mesmo, interrompeu P. Barberis, quão úteis são esses sonhos e quão salutares. Mesmo narrados alhures, fazem bem. Onde Dom Bosco é conhecido, pode-se dizer que são sonhos que ele teve; onde não é conhecido, pode-se apresentar

como semelhança. Oh, se se pudesse fazer disso uma antologia, expondo-lhes em forma de semelhanças! Seriam procurados e lidos por crianças e por adultos, por jovens e por idosos, com vantagem para suas almas.

– Já, já! Fariam bem, estou intimamente convicto disso.

– Mas, talvez, lamentou P. Barberis, ninguém os recolheu por escrito.

– Eu, retomou Dom Bosco, não tenho tempo e de muitas coisas não me lembro mais.

– Aquilo de que me lembro, replicou P. Barberis, são os sonhos que se referiam aos progressos da Congregação, ao estender-se do manto de Nossa Senhora.

– Ah, sim! – exclamou o Beato. E acenou a várias visões deste gênero. Tomando depois um ar mais sério e meio conturbado, prosseguiu:

– Quando penso na minha responsabilidade na posição em que me encontro, tremo inteiramente... Que contas tremendas deverei prestar a Deus por todas as graças que nos concede para o bom andamento da nossa Congregação!

(MBp XII, 36-48)

Foto: shutterstock.com

Casa Salesiana de Castel Gandolfo

Entre as colinas verdes dos Castelli Romani e as águas tranquilas do Lago Albano, surge um lugar onde história, natureza e espiritualidade se encontram de forma singular: Castel Gandolfo. Neste contexto rico em memória imperial, fé cristã e beleza paisagística, a presença salesiana representa um ponto firme de acolhimento, formação e vida pastoral. A

Casa Salesiana, com sua atividade paroquial, educativa e cultural, continua a missão de São João Bosco, oferecendo aos fiéis e visitantes uma experiência de Igreja viva e aberta, imersa em um ambiente que convida à contemplação e à fraternidade. É uma comunidade que, há quase um século, caminha a serviço do Evangelho no coração da tradição católica.

Um lugar abençoado pela história e pela natureza

Castel Gandolfo é uma joia dos Castelli Romani, situada a cerca de 25 km de Roma, imersa na beleza natural dos “Colli Albani” e de frente para o sugestivo Lago Albano. A cerca de 426 metros de altitude, este lugar se destaca pelo seu clima ameno e acolhedor, um microclima que parece preparado pela Providência para receber quem busca descanso, beleza e silêncio.

Já na época romana, este território fazia parte do *Albanum Caesaris*, uma antiga propriedade imperial frequentada pelos imperadores desde os tempos de Augusto. Foi, porém, o imperador Tibério o primeiro a residir ali de forma estável, enquanto Domiciano, mais tarde, mandou construir uma esplêndida vila, cujos restos são hoje visíveis nos jardins pontifícios. A história cristã do local começa com a doação de Constantino à Igreja de Albano: um gesto que simbolicamente marca a passagem da glória imperial para a luz do Evangelho.

O nome Castel Gandolfo deriva do latim *Castrum Gandulphi*, o castelo construído pela família Gandolfi no século XII. Quando, em 1596, o castelo passou para a Santa Sé, tornou-se residência de verão dos Pontífices, e o vínculo entre este lugar e o ministério do Sucessor de Pedro tornou-se profundo e duradouro.

O Observatório do Vaticano: contemplar o céu, louvar o Criador

De particular relevância espiritual é o Observatório do Vaticano, fundado pelo papa Leão XIII em 1891 e transferida nos anos 30 para Castel Gandolfo devido à poluição luminosa de

Roma. Ela testemunha como também a ciência, quando orientada para a verdade, conduz a louvar o Criador.

Ao longo dos anos, o Observatório contribuiu para projetos astronômicos de grande importância como a *Carte du Ciel* [Mapa do Céu] e para a descoberta de numerosos objetos celestes.

Com o agravamento das condições de observação também nos Castelli Romani, nos anos 80 a atividade científica mudou-se principalmente para o Observatório Mount Graham, no Arizona (EUA), onde o Vatican Observatory Research Group [Grupo de Pesquisas do Observatório do Vaticano] continua as pesquisas astrofísicas. Castel Gandolfo permanece, porém, um importante centro de estudos: desde 1986 recebe bienalmente a Vatican Observatory Summer School [Escola de Verão do Observatório do Vaticano], dedicada a estudantes e graduados em astronomia de todo o mundo. O Observatório também organiza congressos especializados, eventos de divulgação, exposições de meteoritos e apresentações de materiais históricos e artísticos com tema astronômico, tudo em um espírito de pesquisa, diálogo e contemplação do mistério da criação.

Uma igreja no coração da cidade e da fé

No século XVII, o papa Alexandre VII confiou a Gian Lorenzo Bernini a construção de uma capela palatina para os funcionários das Vilas Pontifícias. O projeto, inicialmente concebido em honra a São Nicolau de Bari, foi finalmente dedicado a São Tomás de Villanova, agostiniano canonizado em 1658. A igreja foi consagrada em 1661 e confiada aos Agostinianos, que a administraram até 1929. Com a assinatura dos Pactos de Latrão, o papa Pio XI confiou aos mesmos Agostinianos o cuidado pastoral da nova Paróquia Pontifícia de Santa Ana no Vaticano, enquanto a igreja de São Tomás de Villanova foi posteriormente confiada aos Salesianos.

A beleza arquitetônica desta igreja, fruto do gênio barroco, está a serviço da fé e do encontro entre Deus e o homem: hoje ali se celebram numerosos casamentos, batismos e liturgias, atraindo fiéis de todas as partes do mundo.

A casa salesiana

Os Salesianos estão presentes em Castel Gandolfo desde 1929. Naqueles anos, a vila conheceu um notável desenvolvimento, tanto demográfico quanto turístico, ainda mais graças ao início das celebrações papais na igreja de São Tomás de Villanova. Todo ano, na solenidade da Assunção, o papa celebrava a Santa Missa na paróquia pontifícia, uma tradição iniciada por São João XXIII em 15 de agosto de 1959, quando saiu a pé do Palácio Pontifício para celebrar a Eucaristia entre o povo. Essa prática se manteve até o pontificado do Papa Francisco, que interrompeu as estadias de verão em Castel Gandolfo. Em 2016, de fato, todo o complexo das Vilas Pontifícias foi transformado em museu e aberto ao público.

A casa salesiana fez parte da Inspetoria Romana e, de 2009 a 2021, da Circunscrição Salesiana Itália Central. Desde 2021 está sob a responsabilidade direta da Sede Central, com diretor e comunidade nomeados pelo Reitor-Mor. Atualmente, os salesianos presentes vêm de diferentes países (Brasil, Índia, Itália, Polônia) e atuam na paróquia, nas capelanias e no oratório.

Os espaços pastorais, embora pertençam ao Estado da Cidade do Vaticano e sejam considerados zonas extraterritoriais, fazem parte da diocese de Albano, à qual os Salesianos participam ativamente da vida pastoral. Estão envolvidos na catequese diocesana para adultos, no ensino na escola teológica diocesana e no Conselho Presbiteral como representantes da vida consagrada.

Além da paróquia de São Tomás de Villanova, os Salesianos também administram outras duas igrejas: Maria Auxiliadora (também chamada de “São Paulo”, pelo nome do bairro) e Madonna del Lago [Nossa Senhora do Lago], desejada por São Paulo VI. Ambas foram construídas entre as décadas de 60 e 70 para atender às necessidades pastorais da população crescente.

A igreja paroquial projetada por Bernini é hoje destino de

numerosos casamentos e batismos celebrados por fiéis vindos de todo o mundo. Todo ano, com as devidas autorizações, são realizadas dezenas, às vezes centenas, de celebrações.

O pároco, além de guiar a comunidade paroquial, é também capelão das Vilas Pontifícias e acompanha espiritualmente os funcionários do Vaticano que ali trabalham.

O oratório, atualmente administrado por leigos, conta com o envolvimento direto dos Salesianos, especialmente na catequese. Em finais de semana, festas e atividades de verão como o Verão dos Meninos, colaboram também estudantes salesianos residentes em Roma, oferecendo um apoio valioso. Na igreja de Maria Auxiliadora existe também um teatro ativo, com grupos paroquiais que organizam espetáculos, um lugar de encontro, cultura e evangelização.

Vida pastoral e tradições

A vida pastoral é marcada pelas principais festas do ano: São João Bosco em janeiro, Maria Auxiliadora em maio com uma procissão no bairro de São Paulo, a festa da Madonna del Lago – e portanto a festa do Lago – no último sábado de agosto, com a estátua levada em procissão em um barco no lago. Esta última celebração está envolvendo cada vez mais as comunidades vizinhas, atraindo muitos participantes, incluindo motociclistas, com os quais foram iniciados momentos de encontro.

No primeiro sábado de setembro celebra-se a festa patronal de Castel Gandolfo em honra a São Sebastião, com uma grande procissão pela cidade. A devoção a São Sebastião remonta a 1867, quando a cidade foi poupada de uma epidemia que atingiu duramente as cidades vizinhas. Embora a memória litúrgica seja em 20 de janeiro, a festa local é celebrada em setembro, tanto em lembrança da proteção obtida quanto por razões climáticas e práticas.

No dia 8 de setembro celebra-se o padroeiro da igreja, São

Tomás de Villanova, coincidindo com o Nascimento da Bem-Aventurada Virgem Maria. Nesta ocasião também ocorre a festa das famílias, dirigida aos casais que se casaram na igreja de Bernini: são convidados a retornar para uma celebração comunitária, uma procissão e um momento de confraternização. A iniciativa teve ótima aceitação e está se consolidando com o tempo.

Uma curiosidade: a caixa de correio

Ao lado da entrada da casa salesiana encontra-se uma caixa postal, conhecida como “Buca delle corrispondenze” [caixa das correspondências], considerada a mais antiga ainda em uso. Data de 1820, vinte anos antes da introdução do primeiro selo postal do mundo, o famoso *Penny Black* (1840). É uma caixa oficial dos Correios Italianos ainda ativa, mas também um símbolo eloquente: um convite à comunicação, ao diálogo, à abertura do coração. O retorno do papa Leão XIV à sua residência de verão certamente o aumentará.

Castel Gandolfo continua sendo um lugar onde o Criador fala através da beleza da criação, da Palavra proclamada e do testemunho de uma comunidade salesiana que, na simplicidade do estilo de Dom Bosco, continua a oferecer acolhimento, formação, liturgia e fraternidade, lembrando a quem se aproxima dessas terras em busca de paz e serenidade que a verdadeira paz e serenidade só se encontram em Deus e em sua graça.